

RAMADA CURTO

TEATRO

CONSCIÊNCIA

Peça em 3 actos

TEATRO DE RAMADA CURTÓ

CONSCIÊNCIA

PEÇA EM TRES ACTOS

U4fW702166



EDIÇÃO
DA
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
Rua do Diário de Notícias, 78
LISBOA — 1939

PERSONAGENS

D. ANA CARDOSO	55	anos
MARIA LUÍZA CARDOSO	25	>
ELISA SOARES	48	>
LAURA MENDES	20	>
CRIADA	—	
EZEQUIEL CARDOSO	65	>
JORGE CARDOSO	20	>
JOSÉ MENDES	25	>
LUIZ MENDES	60	>
D. JOSÉ DE AREOSA	48	>
FALCÃO	45	>
HOMEM DE IDADE	70	>
1.º FABRICANTE	—	
2.º FABRICANTE	—	

Numa vila da provincia.

Actualidade

MORGANA DE JESUS
DESA

PRIMEIRO ACTO

Um salão em casa de Esequiel Cardoso. Luxo pesado e severo, tocado aqui e ali duma ligeira nota de modernismo. Retratos nas paredes a óleo. Ao fundo, larga varanda sôbre os jardins. Nos dois planos, a um lado e outro, portas.

CENA I

D. ANA e MARIA LUIZA

D. ANA

(Numa cadeira baiza, faz «tricot», como quem continua uma conversa) Tens razão, filha. É uma grande maldade... Mas, que havemos nós de fazer?

M. LUIZA

Parece impossível que a mãe diga isso! A mãe que é tão recta, tão boa!... O nosso dever é dizer a verdade, o nosso dever é ser justos...

Depois isto, para nós, é uma questão de dignidade. Não poucas vezes a mãe me tem citado o exemplo do avô, naquele caso das águas das Devezas, que eram da terra e a que o fidalgo da Areosa queria chamar suas. O que fez o avô? Tem-mo dito muitas vezes...

D. ANA

Ah, sim! Os tempos eram outros... E meu pai era um grande homem, um homem como já não há... Mas iam os perdendo tudo na demanda... O teu avô chegou a hipotecar uma propriedade para que o fidalgo não levasse a sua avante... Estivemos em risco de ficar pobres... No fim foi o povo da terra que venceu, que as águas eram dele!...

M. LUIZA

Tinham razão, não é verdade, mãe?

D. ANA

Pois tinham... No dia em que se ganhou definitivamente o caso, em que o povo ficou com as suas águas, entraram por aqui dentro aos vivas, levaram o teu avô ao colo, as mulheres ajoelhavam a abraçá-lo pelos joelhos... Nós ríamos e chorávamos ao mesmo tempo. Foi lindo!

M. LUIZA

Devia ter sido... Gostava de ter visto... (*Fica um momento como quem vê a cena, sorrindo, enlevada*).

D. ANA

(*Depois de pausa, com doçura*) Só de evocar a cena ficaste com uma cara curiosa... Ai, pequena! Não podes negar que és uma romântica...

M. LUIZA

Romântica? Então porque as coisas que são justas me impressionam, porque as admiro, porque me entusiasмам, sou romântica? Está bem: seja. Só quero que Deus me conserve assim... Teria uma grande pena se deixasse de ser romântica... (*Pausa*) Ao que parece é de família. O avô também o foi e eu sinto-me bem na sua companhia...

D. ANA

Nós as mulheres não entendemos certas coisas. Não nos compete resolvê-las. Esse cuidado pertence aos homens...

CENA II

OS MESMOS e JORGE

JORGE .

Entrando à E. com umas provas fotográficas na mão) Queres ver, Maria Luiza? Queres ver, mãe?

M. LUIZA

Ver o quê?

JORGE

As provas das fotografias que tirei ontem. Ficaram soberbas... (*A D. Ana*) Ó mãe, veja esta (*Vai junto de D. Ana, mostra-lhe uma prova*) É o pai a meter a chave à porta... A-pesar-de estar um dia fusco, quasi sem luz, que nítida que ficou!... Percebe-se que está a chover... O pai a querer fechar o guarda-chuva e o vento não deixa...

D. ANA

Está boa, está... Donde a tirastes?

JORGE

Da janela do meu quarto... Estas objectivas são de primeira ordem, com qualquer luz... (*A Maria Luiza*) Queres ver?...

M. LUIZA

(*Olha distraidamente*) Sim... Não está má...

JORGE

(*Chocado*) Não está má... Esta minha irmã é fantástica... Estás uma antipatia de menina, sabes?

M. LUIZA

Obrigada...

JORGE

Não é para que me agradeças, mas repara que estás, filha... Andas sempre aerea, de nariz franzido... Ora faz favor, vê-te ao espelho...

M. LUIZA

Vejo-me às vezes para arranjar o cabelo...

JORGE

E como te achas?...

M. LUIZA

Uma coisa... Há muitas como eu.

JORGE

E talvez porque te vês poucas vezes...

M. LUIZA

Será! No que me diferença de ti. Quando não tiras retratos, gastas o aço do espelho do teu quarto a compor a gravata e ver como te ficam os fatos...

JORGE

Achas? Ora vê lá, a gracinha!...

M. LUIZA

Já experimentaste tirar retratos pelo espelho a ti próprio? Podias favorecer-te...

D. ANA

Vá lá, vá lá! Vocês são o cão e o gato. São dois irmãos amigos e estão sempre a taquinar-se um ao outro...

JORGE

(*Risonho, a Maria Luiza*) Eu não guardo reserva... Levanto a bandeira da paz. Vá lá o ósculo, mana... O *osculum pacis*... No fundo tu gostas do mano fotógrafo, não é verdade? És amiga? Dize... (*Agarra-a e acaricia-a*)

M. LUIZA

E quem não há-de ser tua amiga, Jorge? Tu és um bom rapaz, alegre, fácil...

JORGE

Um pateta, queres dizer?...

M. LUIZA

Não... Um rapaz feliz... E mais serias quando pudesses meter o mundo todo no teu album de instantâneos, não é verdade?

JORGE

Irónica! Olha que tu, a-pesar-de não gatares o aço dos espelhos, és uma linda cachopa, sabes? (*Beija-a*)

M. LUIZA

Maluco...

D. ANA

Assim é que eu gosto de os ver...

JORGE

Não sabem a grande novidade?

D. ANA

Qual?

JORGE

Os trabalhadores do D. José da Areosa invadiram esta manhã os terrenos do Mendes... de acôrdo com o socio dêle, o velhaco do Falcão.

M. LUIZA

(*Anciosa*) Invadiram?...

JORGE

É o termo. Entraram por ali dentro como se aquilo fôsse dêles... Houve pancadaria, feridos... o diabo... O Mendes e os filhos defenderam-se a tiro.

D. ANA

A que horas foi isso?

JORGE

Já era sol fora... Eu dormia como um santo e não ouvi nada... Foi o caseiro que me disse.

D. ANA

Nem eu ouvi! Mas a que isso chegou!

JORGE

O D. José da Areosa é teimoso... O Falcão é um judas... Querem cortar as águas ao Mendes para lhe parar a fábrica.

M. LUIZA

Esses homens são muito maus! No D. José, ao que parece, é de família... Mas o Falcão, êsse é repugnante!

JORGE

Jurou que havia de tirar as águas ao sócio e é que lhas tira... Tem a fôrça e o dinheiro do outro por detrás dêle.

M. LUIZA

E não tem escrúpulos...

D. ANA

Cala-te, filha... Podem ouvir-te!

M. LUIZA

Que me importa que oiçam!...

D. ANA

Não é bom termos aquela gente como inimiga. Já basta o que basta, as histórias do passado em

que falámos há pouco... Olha que o pai de D. José, o velho fidalgo, ia deixando o teu avô a pedir esmola. Nós não temos nada com o que nos toca pela porta...

M. LUIZA

Perdoe, mãe, mas não concordo... Quando nos tocou pela porta, no tempo do avô, se todos pensassem assim, o avô estava perdido.

D. ANA

Os tempos eram outros... Já te disse que o teu avô, êsse era um grande homem, como já não há.

JORGE

(*Irónico*) A mãe tem razão. Os homens agora são como eu...

M. LUIZA

Não digas isso, Jorge... Não calculas como me aflige ver que tu próprio te julgas assim... Tanto mais que isso não é verdade...

JORGE

(*Rindo*) Não é verdade? Pois se tu mesmo acabas de me dizer que eu gasto o aço do espelho a fazer a minha *toilette*...

M. LUIZA

Perdoa, irmão! Foi a brincar... Tu és um homem com coração, com coragem.

JORGE

(Como acima) Olha, olha!... Não estou zangado... Tu tens razão.

M. LUIZA

Não, não! Não tenho razão, não quero ter razão...

JORGE

Isto é que tu és uma repentista!... Agora dá-te um ataque de ternura súbita... Se eu te disser uma coisa... não te zangas?

M. LUIZA

Não. Não me zango...

JORGE

Às vezes chego a pensar que tu não és como os mais... Que tens aqui (*Toca-lhe a cabeça com um dedo*) um parafuso a menos, uma folga...
(Ri)